

I SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá

**INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NA MANUTENÇÃO DOS
ESTEREÓTIPOS SOBRE A LOUCURA E SOBRE O MODELO DE
TRATAMENTO HOSPITALOCÊNTRICO/MANICOMIAL:** concepções de
estudantes universitários e população geral.

Ana Paula Siltrão Bacarin (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá – Programa de Iniciação Científica); Mônica Salci Capelasso (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá - Programa de Iniciação Científica); Roselania Francisconi Borges, Maria Lucia Boarini (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: anabacarin@hotmail.com

Palavras-chave: Reforma psiquiátrica brasileira. Mídia televisiva. Campo sociocultural.

Este trabalho tem o propósito de refletir sobre aspectos da Política Nacional da Saúde Mental no que tange ao campo sociocultural no contexto da reforma psiquiátrica brasileira. Para tanto, tomamos como objeto de reflexão a investigação da influência da mídia televisiva sobre as concepções que a população em geral e estudantes de graduação nutrem a respeito da loucura.

Ao longo das últimas décadas, vem sendo feitas muitas discussões sobre a loucura e a forma de tratamento centrada nos hospitais psiquiátricos, denominada de modelo hospitalocêntrico/manicomial de atender ao louco, este considerado aqui como portador de uma doença que caracteriza a oposição do corpo orgânico no contexto histórico social, tal como qualquer outra expressão existente. Reportando-se a Franco Basaglia (1924-1980), um dos importantes críticos do modelo manicomial, Boarini discorre que (2006):

Entendendo que a loucura, como todas as doenças, é expressão e contradição do nosso corpo orgânico e social e, como tal, toda doença é um produto histórico social, Basaglia deixa claro que o hospital psiquiátrico não tem razão de ser, pois é apenas um instrumento de repressão e local de sofrimento, e não de assistência (p. 30).

Historicamente a pessoa com transtornos mentais, aqui denominada de louco, viveu sob a égide do preconceito e do estigma. Através dos tempos a loucura foi concebida e considerada de acordo com a forma de organização da sociedade, porém, é na Modernidade que o louco ganha o status de doente e passa a ser confinado em instituições totais sob a prerrogativa de estar despossuído da razão e, portanto, ter que sujeitar-se a tratamentos centrados na hospitalização em hospitais psiquiátricos.

I SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

Em solo brasileiro, o primeiro o local planejado e construído para abrigar os loucos foi um hospício inaugurado em 1852, no Rio de Janeiro, com o nome D. Pedro II. Desse período em diante, outras instituições foram criadas para abrigar os insanos ou desprovidos de razão. Estes eram tratados com violência, rigidez, até mesmo acorrentados e muitos chegavam a falecer desnutridos e abandonados (RESENDE, 1994).

Após a II Guerra Mundial surgiram muitas críticas ao manicômio, pela violência e a exclusão social que apresentava a seus usuários. Amarante (2007, p. 40) afirma que diversos segmentos médicos e sociais passaram a refletir sobre a natureza humana e perceberam que os hospícios pareciam campos de concentração, devido a ausência de dignidade humana; começando então as primeiras experiências de “reformas psiquiátricas”. Na atualidade esta forma de tratamento é questionado, tanto pela ineficácia que o modelo hospitalocêntrico/manicomial já demonstrou, como pela segregação, o preconceito e a exclusão que acarreta àquele que sofre psiquicamente. A proposta da reforma psiquiátrica é trabalhar com todas as esferas sociais ao englobar quatros campos destacados por Amarante (2007), buscando mudanças efetivas no tratamento psiquiátrico. O primeiro deles é o campo teórico-conceitual, que visa analisar os meios de tratamento nos serviços de saúde, e também discutir conceitos respectivos a saúde-doença e cura. Outro campo é o técnico-assistencial, que busca propiciar espaços adequados com auxílio de equipamentos apropriados, participação de usuários, e das pessoas de seu entorno, com o intuito de garantir a produção de subjetividade do sujeito. O terceiro campo é o político-jurídico, criado para garantir cidadania, acessibilidade ao trabalho e inclusão social aos sujeitos que necessitam dos cuidados da rede. Por fim, o campo sociocultural visa compreender o modo no qual a sociedade objetiva e, por conseguinte, apreende conceitos referentes à loucura ou doença mental, com o objetivo de estimular a reflexão acerca desta temática. Sobre o campo sociocultural, Amarante destaca que:

Um dos princípios fundamentais adotados nesta dimensão é o envolvimento da sociedade na discussão da reforma psiquiátrica como o objetivo de provocar o imaginário social a refletir sobre o tema da loucura, da doença mental, dos hospitais psiquiátricos, a partir da própria produção cultural e artística dos atores sociais envolvidos (usuários, familiares, técnicos, voluntários) (AMARANTE, 2007, p. 73).

Neste contexto, a psiquiatria contribuiu intensamente para que a sociedade entendesse que o “louco é perigoso”, “irracional” e “seu lugar é no hospício” e para que houvesse muitos

I SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

preconceitos em relação ao louco (AMARANTE, 2007, p. 71). Hoje o estereótipo vigente é que o louco é denominado perigoso, violento, diferente, anormal, entre outros.

A mídia televisiva vem confirmar essa perspectiva, pois sustenta que o louco está a mercê da imposição estereotipada de normalidade e que, conseqüentemente, deve permanecer excluído da sociedade e enclausurado em manicômios. A televisão é um veículo informativo da massa populacional, sistematizando condutas, pensamentos, comportamentos. As pessoas em geral buscam informação e entretenimento; e a mídia tenta atender essas necessidades dos sujeitos, contribuindo para a formação da opinião da população.

Sabemos que a mídia televisiva atinge mais de 97% da população no Brasil e tem grande influência no processo de formação de opinião, imprimindo incansavelmente uma visão estereotipada nas relações entre a sociedade e as ações voltadas para a Reforma Psiquiátrica (GOFFMAN, 2011).

A justificativa para realização deste trabalho pauta-se na concepção de que a reforma psiquiátrica busca um novo modo de cuidar do louco, valorizando-o como indivíduo em sua totalidade, e uma das maneiras de construir esta nova forma de cuidado é a desmistificação do estigma de que o lugar do louco é no hospício, reintegrando-o à sociedade. Mas Para que ocorra a desinstitucionalização da loucura, é preciso haver mudanças de valores e conceitos de toda a sociedade. Nessa perspectiva, acredita-se que a mídia tem uma influência considerável na propagação e fortalecimento dos conceitos que a sociedade cultiva e reproduz sobre a loucura, corroborando preconceitos, estereótipos e estigmas que embasam a estrutura do modelo hospitalocêntrico/manicomial. Com o intuito o conhecer tal influência, este relatório tem objetivo de discutir o alcance que a mídia televisa tem em relação às concepções sobre a loucura que é expressa e reproduzida pelos telespectadores. Visa evidenciar a defasagem dos hospitais psiquiátricos para com os cuidados ao louco enquanto cidadãos que necessitam expressar sua subjetividade em todas as esferas de suas vidas.

O presente estudo teve os seguintes objetivos: a) coletar dados de pesquisa de campo a ser realizada junto a dois segmentos da população: estudantes universitários e população em geral; b) analisar o conteúdo de cada público e estabelecer aproximações e distanciamentos entre eles; c) refletir sobre o campo sociocultural, tendo em vista os preconceitos, estereótipos e estigmas sobre a loucura e a veiculação dos mesmos pela mídia televisa a partir das declarações do público pesquisado.

A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa pela qual buscamos contemplar informações com perspectivas distintas, bem como suplantando dicotomias epistemológicas que enrijecem métodos de pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa é essencial para obter

I SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

informações que buscam evidenciar uma gama de significados e valores que ficam omitidos em uma pesquisa de caráter somente quantitativo. Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas as quais servirão de subsídios para a análise das informações fornecidas pelos entrevistados.

Sobre os resultados e discussões, até o presente momento foram realizadas 20 entrevistas com uma amostra da população de Maringá-PR. Contudo, para a confecção deste relatório foram feitas análises completas de seis entrevistas, três delas de estudantes e outras três de indivíduos da população geral.

Inicialmente foram coletados dados sobre sexo, idade, profissão e escolaridade. Em seguida foram feitas 08 questões respectivas à loucura e mídia televisiva. A partir da quarta questão, foram feitas análises das respostas abertas. Para tanto, após várias leituras das respostas e análises do conteúdo das mesmas, foram elencadas as seguintes categorias: *opinião sobre a programação televisiva; assuntos que envolvem o tema da loucura na televisão; concordância, ou não, com a imagem que a mídia retrata da loucura; concepção da loucura; conhecimento e opinião sobre as formas de cuidado em saúde mental.*

A partir da correlação do levantamento bibliográfico com a pesquisa de campo, foi possível constatar que a mídia televisiva influencia consideravelmente a concepção acerca da loucura, pois quase todos os entrevistados afirmaram concordar com a imagem que a mídia retrata sobre a loucura e o louco, embora a maioria dos entrevistados afirmaram não gostar da programação da televisão brasileira. No entanto, este assunto não é construído apenas por este meio de comunicação que nem sempre é verossímil com a realidade.

Observou-se, de modo geral, uma maior formação de opinião quase que exclusivamente por meio da TV atrelado ao um menor o nível de escolaridade. Diante disso, acredita-se que uma escolarização elevada está associada ao acesso a outras fontes de informações que promovem a reflexão e, por conseguinte, autonomia para uma avaliação crítica das vinculações midiáticas tendenciosas a fabricarem reproduções de opiniões.

Diante das respostas dos entrevistados, foi notório a falta de informações sobre os modos de tratamento do louco e da loucura, pois muitos afirmaram não conhecer sobre o assunto, alguns demonstrando insegurança nas respostas. Dessa forma, pode-se inferir que a falta de conhecimento contribui para a permanência de preconceitos e estigmas em relação à loucura e para uma maior credibilidade na imagem que a mídia retrata, já que é um meio de comunicação que está bastante presente no cotidiano dos indivíduos e sempre está exibindo algum assunto que envolva a loucura, seja real ou fictício.

I SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

Compreende-se que este contexto está ao alcance do profissional de psicologia cabendo a este promover meios para estimular o pensamento ativo do cidadão, combatendo assim a manipulação e alienação maciça presente no âmbito ideológico da sociedade, pois só dessa forma alcançar-se-á a necessidade humanizadora de horizontalizar as diferenças respeitando suas respectivas peculiaridades e vicissitudes.

Referências

AMARANTE, P. **Saúde Mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BOARINI, M. L. **A loucura no leito de Procusto**. Maringá: Dental Press, 2006.

GOFFMAN, R. Saúde Mental, Comunicação, Informação e Relação com a Mídia. Ministério da Saúde: **Diretório de apoio para a IV Conferência Nacional de Saúde Mental (CNSM-I)**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/midiaroseligoffman.pdf>>. Acesso em: 16 outubro 2011.

RESENDE, H. Política de saúde mental no Brasil: uma visão histórica. In: TUNDIS, S. A; COSTA, N. R. **Cidadania e loucura**: políticas de saúde mental no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1994.